



O desenvolvimento da consciência crítica num período de descentralização das identidades sociais

Nadijja Carmo Domingos da Silva¹

Jéssica Silvestre de Lira Oliveira²

Rafaela Ribeiro de Lima³

Lizabethili Petrônio da Silva⁴

Resumo

No presente estudo analisamos a participação dos professores no processo de desenvolvimento da consciência crítica do adolescente, pois tendo a educação o papel fundamental na desarticulação das manipulações que constantemente a sociedade, em especial os adolescentes, são expostos, levantamos a seguinte questão: como os educadores estão contribuindo para o desenvolvimento da consciência crítica em nossos adolescentes? Utilizando-nos de teóricos da cultura, da educação e da adolescência; Stuart Hall, Paulo Freire e Contardo Calligaris respectivamente, juntamente com entrevistas à professores de escolas públicas e privadas, analisamos até que ponto esses educadores mantêm a essência do conceito de consciência crítica proposto por Freire - o homem como senhor de sua história situado e temporalizado em seu mundo -, como se caracteriza o adolescente e por fim, como o advento da pós-modernidade com suas contradições, suas crises e suas conseqüências irão contribuir para a diluição da vocação antológica do homem, a de ser sujeito de sua sociedade.

Palavras chaves: Consciência Crítica, adolescente, educadores, sociedade, pós – modernidade.

A educação tem papel fundamental na desarticulação das manipulações que constantemente nossa população é exposta, e é a partir desta afirmativa que fizemos uma pesquisa de campo com o objetivo de identificar a participação dos professores no processo de desenvolvimento da consciência crítica de seus educandos.

Para entender esta questão, nossa pesquisa se utilizou, principalmente, do teórico brasileiro de consciência crítica Paulo Freire com o livro Educação e Mudança e do sociólogo Stuart Hall com o livro A identidade cultural na pós -

¹Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco e bolsista PIBIC pela mesma instituição – UNICAP- nadijjacarmo@yahoo.com.br.

²Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco e bolsista PIBIC voluntária pela mesma instituição – UNICAP - jessicasilvestre07@gmail.com

³Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco e bolsista PIBIC pela mesma instituição – UNICAP- finha_ribeiro@hotmail.com

⁴Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco e bolsista PIBIC voluntária pela mesma instituição – UNICAP - lizabethli@hotmail.com



modernidade. Essas obras ilustram toda a problemática de uma sociedade confusa e conturbada. Ou como diriam os autores: “opressora e contraditória”. É importante perceber que esses autores convergem para o ponto no qual apenas a autonomia pode afirmar o homem em sua maneira plena de existir.

O individualismo de nossa cultura preza acima de tudo a autonomia e a independência de cada sujeito. Por outro lado, a convivência social pede que se traguem doses cavalares de conformismo.
(CALLIGARIS, 2000, p. 27)

O Brasil mantém características da sociedade objeto que obedece às ordens de uma metrópole, ou de uma sociedade matriz. Assim sendo, nessas sociedades todo um sistema educacional é desenvolvido para manter esta dependência. “Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal.” (HALL, 2006, p.32)

Em nosso sistema educacional, segundo Freire, o professor é uma figura superior que ensina a ignorantes, nos quais são depositados os conhecimentos do educador que “pensa que quanto mais se dá mais se sabe” a famosa “educação bancária.” Na verdade o que ocorre é que o homem não é estimulado a ultrapassar o primeiro estágio da consciência a “consciência ingênua”⁵ que nada mais é do que uma consciência estreita e muitas vezes mágica da realidade. Somente com um **processo educativo de conscientização** é que o homem pode participar ativamente da construção histórica de seu mundo. “Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. [...] Temos o saber que fomos o que fomos para saber o que seremos” (FREIRE, 2000, p. 33). Entretanto, é necessário, primeiramente, ao educador ter sua própria consciência desenvolvida no terceiro estágio proposto por Freire, pois, só assim, ele será capaz de perceber que o processo de consciência crítica não é fixa, na verdade a consciência crítica é um processo que ocorre no

⁵ Segundo Paulo Freire, existem três estágios de consciência:

- ✓ Consciência mágica é o primeiro estágio de consciência do ser humano, e se caracteriza por ser uma idéia mítica dos acontecimentos o indivíduo não busca explicações e quando busca é fora da realidade, geralmente este tipo de consciência está muito relacionada a idéias do senso comum. Esse ser não participa do processo histórico ele esta a margem de seu tempo.
- ✓ Consciência transitivo-ingenua é o segundo estágio de consciência do ser humano, e se caracteriza por uma visão mais ampla de homem, pois este já consegue perceber que sua realidade não é mítica e sim fruto de acontecimentos contínuos. Contudo é uma visão ainda estreita da realidade esse indivíduo vê a realidade, mas não consegue transformá-la. Não analisa e busca soluções.
- ✓ Consciência crítica é o terceiro estágio de consciência do ser humano, e se caracteriza por uma visão além de mais ampla do homem como também mais dinâmica. O homem analisa os acontecimentos ao seu redor e busca soluções, ele transforma a sua realidade. Esse ser é situado e temporalizado historicamente, ou seja ele participa ativamente de sua história.



ramo das idéias e como tal é dinâmico requer constante interação com o seu mundo, requer uma constante práxis⁶ para que, assim, o profissional possa se comprometer com a humanização⁷ do homem.

É preciso que se seja capaz de estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela a qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, ser capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar. (FREIRE, 2000, p. 16)

A modernidade promove o ideal de independência, e que por sinal é a peça-chave da educação moderna. A sociedade instiga esse ideal, induzindo os jovens a buscarem-no ardentemente, entrando em choque com a própria sociedade que não admite que eles queiram tal ideal. Em nossa cultura, um sujeito será reconhecido como adulto e responsável na medida em que vive e se afirma como independente e autônomo – do mesmo modo como os adultos. É aí que ocorre a contradição, pois ao adolescente é proibida toda e qualquer busca por autonomia. O que acontece é que para o próprio adolescente, a adolescência é um período de duração mítica, de privação de reconhecimento e independência. “Por conseqüência, ele não é mais nada, nem criança amada, nem adulto reconhecido.” (CALLIGARIS, 2000, p.24)

[...] o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos. A insegurança se torna assim o traço próprio da adolescência e pode gerar dificuldades relacionais. (CALLIGARIS, 2000, p.25)

Como já foi dito o individualismo de nossa cultura preza acima de tudo a autonomia e a independência de cada sujeito. O adolescente, na procura de reconhecimento e independência, é culturalmente seduzido a se engajar por caminhos duvidosos. Eles se reúnem em grupos que apresentam uma identidade própria, diferente dos universos dos adultos e dos outros grupos. Estas identidades são regradas por traços de identidade quer no look⁸, quer nas preferências culturais, ou nos comportamentos. Os adolescentes, organizados em identidades se tornam consumidores ideais por serem um público-alvo perfeitamente definido. A

⁶ Ação - reflexão da realidade.

⁷ Segundo Paulo Freire, o compromisso do profissional com a sociedade, nesse caso o compromisso do educador, é com a humanização do ser humano em especial daquele que não saiu do primeiro estágio da consciência, pois ele se encontra “coisificado”, e para se comprometer se faz necessário que este seja capaz de agir e refletir, ou seja, esse ser comprometido deve ter sua consciência crítica desenvolvida.

⁸ Tudo que tiver relação com o modo de vestir.



adolescência se tornou, assim, uma excelente criação⁹. É a sensibilidade da adolescência que os torna um público-alvo para a alienação, pois nessa fase de confusão, aos olhos ingênuos de uma ex-criança, passa-se despercebido a indução de uma visão ingênua da realidade.

E é durante a adolescência que o educador pode ajudar a desenvolver ou atrofiar a consciência crítica. É nessa fase que o adolescente faz sua jornada rumo à independência e a autonomia, devendo assimilar os valores sociais compartilhados na comunidade. Deste modo, o educador tem papel de estimulador, deve manter-se sempre em desenvolvimento crítico, entretanto, esse desenvolvimento não se dá sozinho, se dá com seus educandos, pois este ao formar opiniões também reforma a sua. O ato educacional não deve ser unilateral, a educação tem que ser dialogal, multidirecional, instigante, inclusiva e participativa não existem seres superiores intelectualmente. O que existe é uma relativização do saber. A educação deve estimular a autonomia do homem para que esse participe da história e que tenha condições de criar produtos significativos que se voltando contra ele possam mudá-lo. “A identidade da pessoa alcança a exata extensão em que sua consciência pode ir para trás, para qualquer ação ou pensamento passado”. (LOCKE, 1967 *apud*, HALL, 2006, p. 28)

Metodologia:

Com o intuito de melhor analisar a participação docente, no processo educacional de conscientização, nossos procedimentos empíricos constam de um questionário, que foi entregue a professores com diferentes tempos de exercício de magistério e também a estagiários sendo divididos em dois seguimentos educacionais o particular e o público estadual.

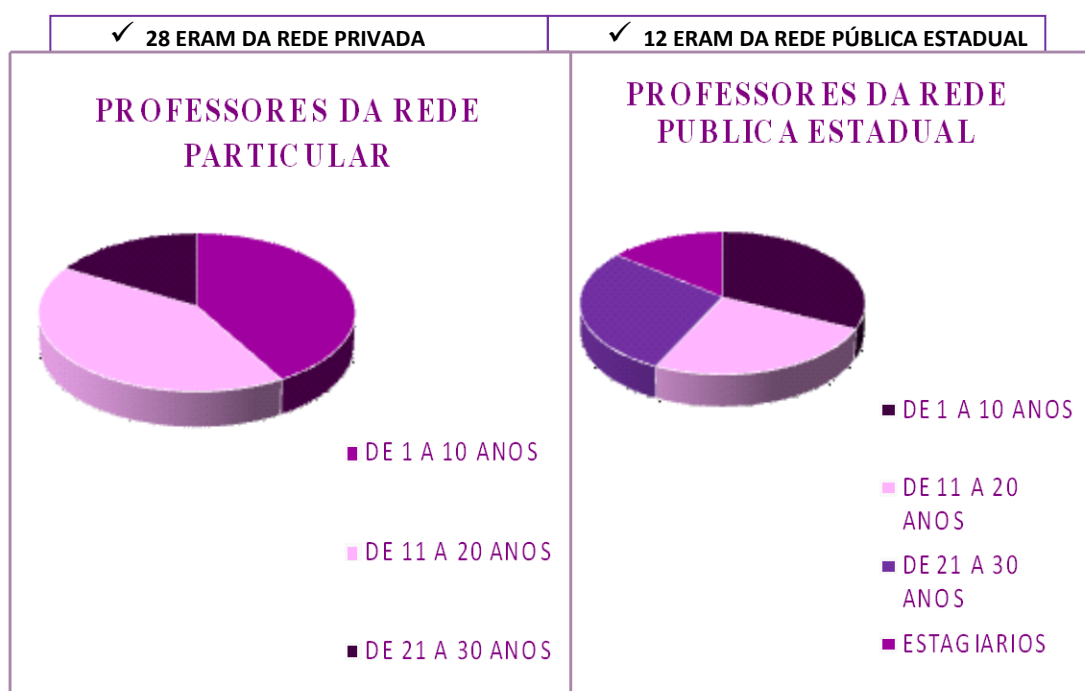
Os questionários apresentavam três questões analíticas:

- 1) O que você entende por consciência crítica?
- 2) Como você ajuda a desenvolver a consciência crítica em seus alunos?
- 3) Como a sociedade vem ajudando no desenvolvimento da consciência crítica dos adolescentes?

⁹ É importante perceber que tanto o conceito de criança como o conceito de adolescente são bastante modernos.

Por uma questão ética e, por que não nos era relevante saber a identidade dos entrevistados, não o foi perguntado, mas como a nós interessava saber há quanto tempo lecionavam, foi solicitado aos professores que se propuseram a respondê-lo que revelassem apenas o seu tempo de magistério.

Ao todo foram entregues aproximadamente 100 questionários dos quais apenas 40 foram respondidos, pois muitos professores acabaram optando por não participar da pesquisa. Deste modo, dos 40 professores do ensino fundamental - II que responderam aos questionários:



Considerações finais:

De um modo geral os professores da rede particular e os estagiários falam da necessidade de uma consciência crítica própria que não seja “moldada” ou deturpada dos fatos para que os educandos possam se entender como parte do mundo em que estão inseridos. Sendo os que mais se aproximam do conceito proposto por Freire. “É o conhecimento reflexivo onde estão envolvidas as relações estabelecidas por uma pessoa a partir do meio onde está inserido”.

Os professores não percebem, mas se encontram condicionados pela realidade da qual participam diariamente o que acaba por distorcer, ou não, o



conceito de consciência crítica ajustando-o para seu cotidiano “o meio condiciona novas formas de pensar e de atuar”. O problema não está na distorção do conceito e sim na falta de base crítica em que é concebido. O professor simplesmente não os concebe depois de uma profunda análise da conjectura social em que vive seus educandos, ele o pega pronto. O erro se encontra na passividade, na falta de análise, de autocrítica em que se copia.

Assim, quando ao responder os questionários, todos os professores afirmaram que fazem atividades como diálogos, leituras de textos com temas reflexivos, conversa informal para o despertar da consciência crítica, mas na realidade com um sistema educacional vertical, suas atividades nada mais são do que “depósitos em seus educandos” de sua opinião sobre a realidade. “Levando os alunos à reflexão sobre determinados assuntos abordados na sala de aula”.

Depósitos de uma visão já alienada da realidade, pois eles próprios quando alunos também foram vítimas de uma educação bancária. O educador tem a impressão de que se compromete com a desalienação, quando, na verdade, é induzido em seu “compromisso” a alienar.

O que acontece é que os educadores acabam continuando o círculo vicioso de alienação que há tanto tempo está instaurado em nossa educação.

Os professores concordam unanimemente quanto à influência que os educandos recebem de nossa sociedade, principalmente os adolescentes, é uma inversão dolosa da conscientização necessária para o ser humano.

E que é através da mídia que o adolescente aprende muitas vezes valores errados e errôneos de nossa cultura alienando-os. “Daí o homem alienado, inseguro e frustrado, ficar mais na forma que no conteúdo; ver as coisas mais na superfície que no interior”. (FREIRE, 2000, p. 25)

É importante salientar que o objetivo desta pergunta não foi o de qual a influência da sociedade e sim verificar se os professores, “os profissionais comprometidos”, tinham consciência dessa influência, negativa, da sociedade em si mesmos, pois só aquele que tem consciência, que sua consciência é condicionada pelo meio, pode se comprometer com a desalienação.

Nossos educadores através de um processo educativo de conscientização devem estimular o desenvolvimento de uma consciência crítica, pois se faz necessário que se tenha uma visão crítica da realidade não podendo se reduzir a



uma mera opinião sobre ela. Além disso, precisam compreender que o meio condiciona as formas de pensar e de atuar e que por isso não são donos de verdades absolutas devem estar sempre em comunhão com outras consciências para que consigam superar os obstáculos que lhes atrapalha a ação e a reflexão.

É preciso que se seja capaz de estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela a qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, ser capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar. (FREIRE, 2000, p. 16)

A partir, desse estágio de consciência é que o sistema educacional brasileiro deve visar uma educação que não se descuide da vocação antológica do homem, a de ser sujeito, e, por outro lado, que não se descuide das condições peculiares de nossa sociedade em transição, intensamente mutável e contraditória. Educação que tratasse de ajudar o homem brasileiro em sua emersão e o inserisse criticamente no seu processo histórico. Educação que por isso mesmo libertasse pela conscientização. Não aquela que domestica e acomoda. Educação, que promovesse a criticidade, com a qual o homem opta e decide. Uma educação que através do dialogo conscientize o papel e a importância que cada indivíduo possui na sociedade.

Referencias

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: Introdução a filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002. 395 p.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2000. 81 p.

CUNHA, Rogério de Almeida. **Consciência crítica**. Minas gerais: UFMG, 2005. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Agora/1417/ConscienciaCritica.html>>. Acesso em: 25 de jun de 2008

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 79 p.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 2005. 213 p.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2004. 148 p.



III Colóquio de História - Brasil: 120 Anos de República
UNICAP - Recife - PE - 19 a 22 de outubro de 2009

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p ISBN 8574904023